

CIDADE, ESPAÇO SOCIAL E TERRITORIALIDADES URBANAS

Nataniél Dal Moro*

SOUZA, Ana Maria de. *Relatos da cidade: nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa: Cuiabá, MT: segunda metade do século XX*. Cuiabá, Entrelinhas/EdU-FMT, 2007.

Durante a maior parte da segunda metade do século XX, em especial até a década de 1980, o Oeste do Brasil foi pensado (acadêmica e politicamente) muito mais como uma região sobre a qual o Leste, industrializado e urbanizado, estendia suas práticas econômicas e seus modelos de gestão e, quase nada, além disso. Pensava-se o Oeste, sobretudo os Estados das Regiões Norte e Centro-Oeste, como um lugar de “espaços vazios” e sem cidades; logo, pensava-se o Oeste como um território que carecia de diversas e contínuas marchas modernizadoras, tal qual a empreendida durante o *boom* econômico da Ditadura Militar, de 1968 a 1973.

Com a criação de programas de Pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior (IES), localizadas na Região Centro-Oeste, ainda no início da década de 1970, essa situação começou, mas muito lentamente, a ser alterada.

Embora no ano de 2007 todos os cinco mestrados (UFG, UnB, UFGD, UFMT e UCG) em História da Região Centro-Oeste e os dois doutorados (UnB e UFG) tivessem linhas de pesquisa que contemplassem com grande expressividade a questão e o tema da fronteira, da identidade dos sujeitos que ocupam os espaços e da territorialidade, o que se torna cada vez mais patente é que a cidade - e não mais apenas o campo. O espaço social e o público e as múltiplas e diversas territorialidades humanas passaram a ter, em especial no término da década de 1990 e primeiros anos do século XXI, um campo de destaque nas pesquisas/estudos, tanto individuais como coletivos, realizados nestes Programas de Pós-Graduação em História.

Os temas das publicações de artigos nas Revistas desses Programas também sinalizam esta realidade, assim como a editoração de livros, frutos em grande parte de dissertações e de teses, geralmente viabilizadas por meio de apoio financeiro de fundações, em particular, das estaduais.

A obra intitulada *Relatos da cidade: nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa: Cuiabá, MT: segunda metade do século XX*, que teve incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT), é um oportuno exemplo desta produção universitária e do fazer histórico que objetiva pensar a cidade e os sujeitos sociais que nela viveram e que transformaram a cidade e, ao mesmo tempo, também foram por ela transformados. Este trabalho é originário de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2004, no Programa de Pós-Graduação em História, na UFMT.

Com o intuito de compreender as “práticas cotidianas de apropriação dos espaços da cidade” (p. 15), a autora, Ana Maria de Souza, utilizou códigos, leis, falas de autoridades dos poderes públicos e privados e relatos orais provenientes de entrevistas com homens e mulheres pobres que viviam nos espaços sociais da cidade de Cuiabá e, principalmente, reportagens, editoriais e artigos assinados e anônimos publicados em jornais impressos¹ no decorrer da década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI.

Estes sujeitos - homens e mulheres pobres -, por sua vez, foram denominados pelas fontes jornalísticas como “migrantes”. As informações obtidas com profissionais ligados com esta realidade, como, por exemplo, jornalistas e funcionários de locais que abrigavam “migrantes” também foram utilizadas para melhor compreender os nexos constitutivos da realidade histórica.

Ana Maria mostrou como os “migrantes”, por ela chamados de “grupos sociais pobres”, se apropriavam de espaços citadinos e como produziam diversos territórios sociais num local que era territorializado por sujeitos que não se enquadravam, de forma alguma, nos *grupos sociais pobres* de Cuiabá, já que compunham, pode-se dizer, a elite dirigente local.

Dialogando com a produção historiográfica, Souza sinalizou que a vinda de “migrantes” para o espaço social da cidade, em Cuiabá, deu-se em razão do fim do *eldorado* que, por sua vez, fez com que a migração, que antes se fixava quase que totalmente na zona rural, passasse a rumar, em boa parte, para as cidades. Essa migração foi vista pelos *grupos sociais (não) pobres*, e largamente difundida nas fontes jornalísticas consultadas, como uma “invasão” do espaço social da cidade por tais sujeitos.

Com essa “invasão”, o espaço em pauta tornou-se (no sentido de ser representado) local de diversos problemas, tais como: ameaça ao padrão privado existente; desintegração da sociedade cuiabana e transfiguração do cotidiano deste espaço social por causa de práticas até então não “tradicionais” e nem aceitáveis, a saber: dormir nas calçadas de praças, pendurar roupas em obras públicas, morar e cozinhar alimentos debaixo de viadutos, dentre outras inúmeras formas de reterritorializar cotidianamente espaços sociais da cidade, tal como se pode visualizar através das ilustrações contidas no item chamado *Galeria de imagens*.

Ademais, Souza externou com muita propriedade como as fontes jornalísticas por ela esmiuçadas pensavam a “circulação de indivíduos e grupos sociais pobres, representados como uma ameaça por não terem um lugar fixo de moradia nem um trabalho regular” (p. 19) e, também, como tais pessoas comuns produziam, circulavam e se apropriavam de alguns espaços sociais da cidade e, não menos, como foram impedidas de (re)territorializar determinados locais deste mesmo espaço citadino, inclusive via ação do poder público, já que foi criada uma polícia comunitária para impedir a presença e as práticas de *grupos sociais pobres* em alguns espaços da cidade de Cuiabá.

Para analisar este corpo documental que se faz perceptível em quatro capítulos e em mais de 15 subitens, a autora dialogou, em sua maioria, com reflexões de estudiosos de origem francesa. Para pensar a (re)territorialização utilizou os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari; para compreender a apropriação serviu-se das oportunas análises de Roger Chartier; para interpretar as estruturas simbólicas presentes nos textos jornalísticas, que jamais são fruto apenas do abstrato e/ou do pensamento, valeu-se das singulares inferências de Pierre Bourdieu.

Michel de Certeau e Michel Foucault também tiveram seus escritos utilizados com muito proveito, em particular para pensar como os *grupos sociais pobres* burlavam as regras disciplinares impostas pelas autoridades públicas e, não menos, também pelas privadas. Néstor Garcia Canclini, Michael Hardt, Antonio Negri, Maurizio Lazzarato, José de Souza Martins, Gilberto Velho e Paul Marie Veyne são outros autores utilizados por Ana Maria de Souza com muito acerto.

Souza, no decorrer do seu escrito, historicizou o pensamento que naturalizava, via representações veiculadas, sobretudo por meio das fontes jornalísticas, os *grupos sociais pobres*, como os *trecheiros* e os *grileiros*, e os denominava como sendo sujeitos indisciplinados, imorais, preguiçosos, andarilhos, desocupados, vadios, perigosos, malsãos e violentos. Fez isso, contudo, sem desconsiderar que esta condição é construção histórica de *grupos sociais (não) pobres*.

Em síntese, mostrou uma cidade de Cuiabá plural, constantemente reterritorializada e, no entanto, não deixou de explicitar uma cidade de Cuiabá violenta e excludente - mesmo sem citar literalmente os escritos marxianos -, produto mesmo das ações de diversos sujeitos e de suas muitas formas de fazer histórias, produzir culturas, pois, tal como mencionou Bourdieu,² só se pode existir socialmente quando se é percebido como distinto pelos demais sujeitos históricos.

Tendo em vista isso, é oportuno mencionar que a leitura do livro de Ana Maria de Souza, *Relatos da cidade: nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa: Cuiabá, MT: segunda metade do século XX*, é essencial para todas as pessoas que intentam

compreender de forma mais detalhada e humana alguns dos conflitos existentes entre determinados sujeitos históricos e, também, os caminhos seguidos por tais pessoas, independente de serem elas integrantes dos *grupos sociais pobres* ou não.

Recebido em agosto/2007; aprovado em outubro/2007.

Notas

* Doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP e bolsista da CAPES. Desenvolve tese intitulada: “O pensar da elite sobre o “povo comum”: espaço público e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)”, sob a orientação da Profa. Dra. Yvone Dias Avelino.

¹ Os jornais cuiabanos utilizados como fontes foram: A Gazeta, Folha do Estado, Jornal do Dia, O Estado de Mato Grosso e, sobretudo, Diário de Cuiabá.

² BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. O que falar quer dizer. São Paulo, EDUSP: 1998, p. 112.